

Editorial

A POLÍTICA COMO MEIO

Na convicção de muitos políticos, a dedicação à vida pública atrapalha os negócios. Foi o que alguns políticos mineiros declararam à reportagem de **O TEMPO**, que verificou, junto ao Tribunal Superior Eleitoral, as informações de suas declarações de bens.

Os números, porém, revelaram exatamente o contrário. Depois que entraram na política, eles ficaram ainda mais ricos. Seus patrimônios tiveram evoluções de mais de 100% num só mandato. Para quem exerceu mais mandatos, a evolução superou os 500%.

Quem não era rico, ficou. O cidadão teve origem humilde e exerceu profissões modestas. A política alavancou sua carreira, a partir do exercício seguido de mandatos como vereador, prefeito, deputado estadual e federal, mais ou menos nessa ordem.

Nem sempre foi assim. Antes, a política era exercida só por membros das famílias tradicionais. A Era Vargas deu acesso aos primeiros representantes das classes populares, com maior presença nos parlamentos municipais e menor nos estaduais e federais.

A redemocratização ampliou o acesso. Obter uma legenda ficou muito mais fácil. O poder econômico continuou a dar as cartas, mas outros fatores, como a influência da comunicação de massa, passaram a distinguir os candidatos junto ao eleitorado.

São incontáveis os casos de cidadãos que subiram na vida graças à política. Seu exercício é mais fácil do que a dedicação a outras atividades, nas quais a disputa por um lugar no mercado tem de ser feita cotidianamente. Na política, é só de quatro em quatro anos.

Na verdade, a política, em vez de atrapalhar, ajuda os negócios. As duas atividades caminham juntas. Ao contrário do que querem fazer crer, a política para a maioria não tem nada de idealismo, é apenas um meio de defender o interesse próprio ou o de terceiros.

Claro que há os políticos idealistas, mas esses são as exceções que confirmam a regra.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL

Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA

Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL

Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING

Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO

Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS

Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA

Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO

Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM

Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

AS OBRAS DOS ESTÁDIOS DA COPA ESTÃO ATRASADAS, AS OBRAS DOS AEROPORTOS ESTÃO ATRASADAS, AS OBRAS DAS VIAS ESTÃO ATRASADAS...

ME CONTE AGORA UMA NOVIDADE!

MINHA MESTRUAÇÃO ESTÁ ATRASADA!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O Estado brasileiro doou a minha vida para os bancos!

Pelo tal empréstimo, temos o “direito” a uma dívida vitalícia

“Aqui é fulana de tal, do setor do INSS do banco tal. Agora que a senhora está aposentada, o INSS colocou à sua disposição um empréstimo consignado de valor tal...”. São meses de desassossego, desde que o INSS homologou a minha aposentadoria, em 8.1.2014, que eu soube pelos telefonemas dos bancos, não apenas de Minas, mas de vários Estados do país, muitos dias antes de receber o comunicado do INSS!

Fiquei irada e impressionada desde o primeiro telefonema porque a moça sabia não apenas o meu telefone residencial, mas o dia da homologação e o valor mensal de minha aposentadoria, o montante do retroativo a setembro de 2013, quando fiz 60 anos, em qual banco eu receberia e a partir de quando! Fiquei atônita com a exposição da minha vida a um clique nos computadores de todos os bancos do país! Achei um abuso. Mas eu mal sabia que o assédio moral apenas começara...

Tenho sido assediada moralmente pelos bancos numa dimensão incommensurável desde que o dia amanhece! A insistência das funcionárias é algo de proporções abissais! Segurei a onda o quanto pude. Fui perdendo a paciência. Passei a cortar a fala tão logo diziam: “Aqui é fulana de tal, do setor do INSS...”. Mas as moças não se dão por vencidas!

Crendo que toda pessoa velha é babaca e facilmente enrolável, entram de sola na tentativa de convencimento das coisas maravilhosas que poderemos comprar com aquela “dinheirama” que oferecem colocar na nossa conta em dois dias, adiantando as graças da

renovação “ad aeternum” do empréstimo, antes que acabemos de pagá-lo! Fiquei a imaginar que o tal empréstimo consignado “rotativo”, no qual temos o “direito” a uma dívida vitalícia, só pode ser um negócio da China para os bancos!

E quando a gente diz não, que, quando quiser, fará no banco onde recebe, enveredam por algo surreal e mais invasivo, indagando: “A senhora tem casa? Não quer reformá-la? Tem carro? Não quer trocá-lo por um zero? Já foi à Europa? A Nova York? Dizem que é lindo o Leste Europeu, a senhora já foi?”. Esta-

E quando a gente diz não, enveredam por algo surreal e mais invasivo, indagando: “A senhora tem casa? Tem carro? Não quer trocá-lo por um zero?”

va de lua e enchi a medida: “Para, querida, conheço mais de 50 países. Não quero mais viajar!”.

Chegam ao acintoso desprante: “Olhe, pense bem, a senhora não está precisando, mas pode ter um parente, filho ou filha, precisando e agora pode ajudar! Não quer mesmo ajudar alguém necessitado da família?”. Achei que era um carma! Fui tentando responder com educação, mas na última semana mudei de tática. Perdi a esportiva. Nem sequer sabia que tínhamos essa montanha de bancos no Brasil!

A cada novo telefonema estou pedindo para riscarem meu nome da lista porque vou processar o governo e os bancos

por invasão de privacidade e assédio moral. Enfatizo que é uma imoralidade o que os bancos estão fazendo com a posse dos meus dados financeiros...

Ao que elas respondem: “Senhora, estou fazendo o meu trabalho!”. Eu: “Sei, mas ele é imoral: invade a minha privacidade, faz chantagem contra o meu modo simples de viver, checka a minha resistência ao consumismo, induz-me a gastar mais do que posso como aposentada, ao insistir em ‘fazer a minha cabeça’ para coisas/necessidades que não tenho, além do que toma o meu tempo! Não quero ficar pendurada em bancos, entendeu?”.

Estou decidida a registrar queixa na polícia a cada novo telefonema. Vou engolir a raiva, anotar os dados e registrar um BO por invasão de privacidade. Os bancos, a partir de hoje, estão avisados. Exijo que não liguem para a minha casa, sob pena de processo por assédio e danos morais!

DUKE

